



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Um comentário feito no Teatro Kursaal, centro nervoso do Festival de San Sebastián, traduz na mais plena exatidão o cinema de que o francês Arnaud Desplechin, de 64 anos, busca levar às telas desde a década de 1990: “Tenho um coração grande”. É dessa grandiosidade (leia-se empatia) que nasce “Dois Pianos”, o mais apaixonante dos concorrentes à Concha de Ouro de 2025 exibidos pela maratona espanhola de sexta até agora. O Festival do Rio, que vai mobilizar a geografia carioca de 2 a 12 de outubro, já anunciou que vai exibir esse melodrama regado a Debussy e outros cânones da música.

“Eu fiz de tudo na minha carreira no cinema, de electricista a fotógrafo, passando pela escrita de roteiros e pela direção, mas de som eu não entendo nada que não uma coisa; você deve ter sempre o melhor técnico no assunto na sua equipe. Eu contrato o melhor e resolvo. Sergio Leone, por exemplo, rodava seus faroestes com um designer sonoro francês dos melhores. A gente está falando de música e, neste nosso mundo em crise, ela é a única salvação possível”, disse Desplechin em resposta ao Correio da manhã em San Sebastián.

De uma destreza notável no trançado de diferentes vértices de uma geometria de solidões e desconexões, “Deux Pianos” (título original) marca a volta à telona do realizador de “Reis e Rainha” (2004) e “Terapia Intensiva”, considerado um dos mais prolíficos realizadores de verve autoral da França. Seu mais recente argumento, escrito a quatro mãos com Kamen Velkovsky, deleita a sua câmara com

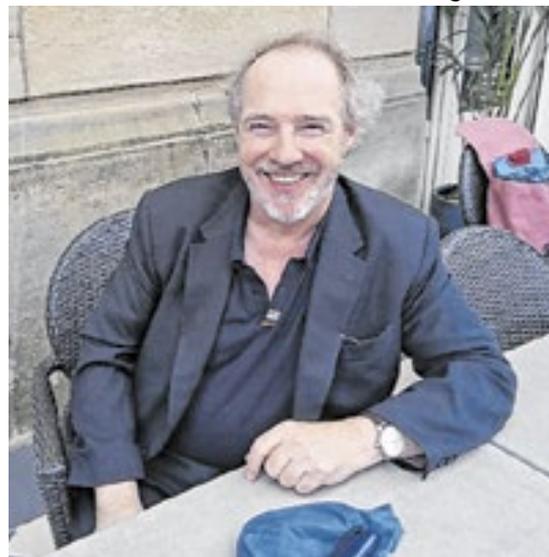


François Civil é o musicista Mathias em ‘Dois Pianos’, de Arnaud Desplechin

Vitamina para o melodrama

Sucesso de público e crítica na Europa, o diretor Arnaud Desplechin dispara na corrida pela Concha de Ouro de San Sebastián com ‘Dois Pianos’, já assegurado pelo Festival do Rio

Rodrigo Fonseca



O realizador francês concorre ao troféu mais disputado de Donostia com um folhetim sobre quiprocós amorosos no mundo da música clássica

a luz da cidade de Lyon. No local, um pianista da mais alta virtude ao teclado chamado Mathias (vivido

por François Civil) regressa à região para reencontrar a sua antiga tutora, a regente Elena (Charlotte

Divulgação

“, diz o cineasta ao Correio.

Em 1991, “La Vie Des Morts” marcou a estreia de Desplechin, então um jovem aspirante a artista, vindo de Roubaix, onde nasceu, há 64 anos. Desde então, construiu um patrimônio audiovisual de histórias sobre afetos consagrado com sete indicações à Palma de Ouro, uma láurea de melhor documentário em Veneza (dada a “L’Aimée”, em 2007) e o Prêmio SACD da Quinzena de Cannes, confiado em à sua obra-prima, “Três Lembranças Da Minha Juventude” (2015). Em 2024, levou o ensaio documental “Loucos Por Cinema!” à Croisette e bateu ponto também em seções paralelas de San Sebastián, onde o longa foi ovacionado.

“Tentei construir algo que conversasse com ‘Roma’, de Fellini, ou seja, uma referência de memória de vida em complexos exibidores”, disse Desplechin.

San Sebastián termina no dia 27, com a entrega de troféus. Até o momento, na competição pela Concha de Ouro, além de Desplechin, a Bélgica de destaca com “Six Jours Ce Printemps-là”, de Joachim Lafosse. A trama expõe o racismo europeu ao seguir os passos de uma jovem mãe de gêmeos que leva seus meninos até a Riviera, para desfrutar da casa de seus ex-sogros.

Nesta quarta, o evento aguarda a vista de um mestre chileno da não ficção: Patricio Guzmán. Aos 84 anos, ele é esperado para acompanhar a projeção de um clássico de sua obra “Chile, La Memoria Obsatinada”, finalizado há três décadas. A produção integra a retrospectiva “Jóvenes, Cine, Memoria Y Democracia”, que valoriza narrativas de arquivos. Em 1995, Guzmán estruturou essa narrativa com foco no Chile escondido por trás da cortina de sua memória dilacerada. Na ocasião, completavam-se vinte e dois anos após o golpe de Estado de Pinochet. Em curso pela França, o cineasta retornou ao seu país para compreender como e em que medida o esquecimento imposto por Pinochet pôde destruir a memória e a energia de um povo. O filme rendeu a Guzmán o prêmio do público no Festival Internacional de Documentários de Marselha 1997.

Ramplang, em estado de graça), que se debate contra uma doença incurável. Ele cruza-se ainda com a sua paixão de outrora, Claude (personagem de Nadia Terezkiwicz), agora casada e mãe de um filho. O músico suspeita de que possa ser o pai do guri. Entre as suas dúvidas, a angústia de Claude, uma morte das mais inusitadas e o penoso calvário de Elena, Desplechin fala de perdas e reinvenções.

“Os meus filmes são muito falados, talvez porque eu admire Bergman e goste imensamente do ruído que existe no desespero humano. Por isso, quando eu escrevo para uma atriz ou um ator, tento dar a eles falas que representem algo maior do que um senso corriqueiro